

FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA PARA A SOCIEDADE EM REDE

FORMACIÓN DE PROFESORES EN EDUCACIÓN A DISTANCIA PARA LA SOCIEDAD DE RED

TEACHER TRAINING IN DISTANCE EDUCATION FROM THE PERSPECTIVE OF THE NETWORK SOCIETY

Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto DANTAS¹
Fernando Rodrigues de CASTRO²

RESUMO: A sociedade conectada, na perspectiva da cibercultura, influenciada pela globalização, sustenta uma perspectiva de comunidade global em que sujeitos se deparam com possibilidades quase infinitas de troca de informações por meio das tecnologias da informação e da comunicação. O estudo visa analisar a formação de professores em EaD pela ótica da Sociedade em Rede. Metodologicamente, o texto foi construído por meio de pesquisa bibliográfica. Os fundamentos teóricos estão pautados em Castells (2009), Levy (2007), Mészáros (2008), Lapa e Pretto (2010), Santos (2009), Dantas (2017), dentre outros. Os resultados apontam que a viabilidade da formação de professores na perspectiva da sociedade em rede se efetivará quando a tecnologia servir aos interesses transformadores da realidade social. Conclui-se que a formação docente nesta perspectiva pode ser capaz de produzir conhecimentos no âmbito da cibercultura, firmando o laço entre educação e cultura. Mesmo utópica, esta ação formativa pode ultrapassar os limites do próprio campo educacional, fortalecendo culturas e valores.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Cibercultura. Sociedade em rede. Formação de professores.

RESUMEN: *La sociedad conectada, desde la perspectiva de la cibercultura, influenciada por la globalización, sostiene una perspectiva comunitaria global en la que los sujetos se enfrentan a posibilidades casi infinitas de intercambio de información a través de las tecnologías de la información y la comunicación. El estudio tiene como objetivo analizar la formación de los profesores en Distancia desde la perspectiva de la Sociedad de Redes. Metodológicamente, el texto fue construido a través de la investigación bibliográfica. Las bases teóricas se basan en Castells (2009), Levy (2007), Mészáros (2008), Lapa y Pretto (2010), Santos (2009), Dantas (2017), entre otros. Los resultados indican que la viabilidad de la educación de los maestros desde la perspectiva de la sociedad en red tendrá lugar cuando la tecnología sirva a los intereses transformadores de la realidad social. Se concluye que la formación del profesorado en esta perspectiva puede ser capaz de producir conocimientos en*

¹ Universidade de Brasília (UnB), Brasília – DF – Brasil. Professora Associada 2. Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação – (UnB/FE/PPGE). Doutorado em Educação (UFRN). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5164-2543>. E-mail: otiliadantas@gmail.com

² Universidade de Brasília (UnB), Brasília – DF – Brasil. Discente no Programa de Pós-graduação em Educação (UnB/FE/PPGE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0107-1655>. E-mail: fernandounb@gmail.com

el campo de la cibercultura, estableciendo el vínculo entre la educación y la cultura. Incluso utópica, esta acción formativa puede ir más allá de los límites del propio campo educativo, fortaleciendo culturas y valores.

PALABRAS CLAVE: *Educación. cibercultura. sociedad de red. Formación de profesores.*

ABSTRACT: *The connected society, in the perspective of cyberculture, influenced by globalization, sustains a perspective of global community in which subjects are faced with almost infinite possibilities of exchanging information through information and communication technologies. The study aims to analyze the training of teachers in distance education from the perspective of the Network Society. Methodologically, the text was constructed through bibliographic research. The theoretical foundations are based on Castells (2009), Levy (2007), Mészáros (2008), Lapa and Pretto (2010), Santos (2009), Dantas (2017), among others. The results show that the viability of teacher training in the perspective of the networked society will become effective when technology serves the changing interests of social reality. It is concluded that teacher training in this perspective may be able to produce knowledge in the scope of cyberculture, establishing the link between education and culture. Even utopian, this training action can go beyond the limits of the educational field itself, strengthening cultures and values.*

KEYWORDS: *Education. Cyberculture. Network society. Teacher training.*

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar a formação de professores em Educação a Distância (EaD) pela ótica da Sociedade em Rede, como aprofundamento de pesquisa, realizada pela Universidade de Brasília, apresentada em sua primeira etapa em Castro e Fernandes (2016). A metodologia adotada constituiu-se de pesquisa bibliográfica no intuito de possibilitar a análise almejada.

A sociedade em rede e os efeitos da globalização na educação

A sociedade conectada, na perspectiva da cibercultura, influenciada pela globalização, sustenta uma perspectiva de comunidade global em que sujeitos se deparam com possibilidades quase infinitas de troca de informações por meio das tecnologias da informação e da comunicação. Esta realidade nos é apresentada como um sistema, um conjunto de técnicas, que são presididas pelas “[...] técnicas da informação que passaram a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando ao novo sistema técnico uma presença planetária” (SANTOS, 2009, p. 22). Na educação esta perspectiva sugere um campo fértil para a ampliação dos programas educacionais por meio da educação a distância. O efeito

padronizador da globalização sugere uma ampliação do acesso à tecnologia, o que por consequência sugere a ampliação dos programas em EaD no campo da formação docente. Esta expansão atende aos desejos de um mercado em franca expansão, por meio do comércio da tecnologia, sugerindo uma ideia de inovação e projetando uma sensação de que todos devem participar deste novo mundo.

Os padrões estabelecidos pela globalização pressupõem um encurtamento das distâncias por meio da rede mundial de computadores. Este universo que se apresenta à sociedade pode não necessariamente cumprir seu papel de encurtamento aparente. Além disso, a busca por uma uniformização dos padrões sociais é outro ponto a ser colocado. A globalização, tal qual se apresenta na perspectiva debatida por Santos (2009, p. 19), possui um efeito fascinante que nos leva a crer que o mundo está ao alcance de nossas mãos num “mercado capaz de homogeneizar o planeta”. Esta característica homogeneizante é fator importante no discurso do mercado que se apodera da educação visando a expansão do negócio, por meio do que o Santos (2009, p. 24) sugere a partir da “[...] existência de um motor único na história”, em que características culturais locais são superadas com vistas a uma ordem alinhada para todos os povos.

Este alinhamento homogeneizante pode ser considerado perverso porque não cumpre o papel proferido em seu discurso. Na verdade, tal alinhamento tende a acentuar as diferenças sociais expressas, por exemplo, no acesso desigual à educação. De modo geral, em países em desenvolvimento, são transformadas as características locais e o contato com a cultura local. Mesmo que Santos (2009) defenda que existe uma força cultural que age sobre este processo homogeneizante, os resultados deste enfrentamento são percebidos num sentimento de não pertencimento à sociedade se não ocorrer o livre consumo. O mundo se torna um lugar único, global, padronizado, dotado de características gerais e de consumo em larga escala. É justamente por este caminho que a EaD tende a se tornar uma nova ordem de consumo da educação, pois supõe a adoção de mecanismos padronizados e com ampla disseminação na sociedade. Desta forma, torna-se indispensável, pela força do mercado, ocupar espaços na vida das pessoas e impulsionar a produção de soluções tecnológicas para velhos problemas ainda não superados.

Este movimento é ainda mais acentuado no campo da tecnologia digital. O uso da tecnologia como uma técnica desenvolve-se paralelamente ao seu próprio mercado consumidor. Assistimos a uma grande explosão de inovações tecnológicas que sugerem uma profunda necessidade delas para se sentir pertencente ao mundo moderno (GIDDENS, 2000). Comumente, as atividades diárias da sociedade urbana são, relativamente, realizadas por meio

de computadores conectados à internet, desde serviços básicos dos sistemas de governo destas localidades até os serviços mais complexos de sistemas de gerenciamento de informações (REIS, 2018). Os setores produtivos da sociedade possuem suas atividades registradas em terminais ou em bancos de dados de tecnologia digital.

No campo da educação esta situação não é diferente. Sistemas educacionais inundam as cidades com soluções mirabolantes na presunção de que, quanto mais conectados, melhores serão os resultados da prática educativa. Quanto mais sujeitos dominarem a técnica, melhores serão os resultados de sua prática. Quanto mais professores forem instrumentalizados para o uso da tecnologia, melhores serão suas condições de trabalho, o processo de aprendizagem de seus alunos e o seu desenvolvimento profissional. É nesta realidade que a educação a distância regularmente se apresenta como uma solução de ampliação do acesso à educação, o que, por consequência, impacta e amplia, diretamente, a oferta dos programas de formação de professores nesta modalidade. Para Turner e Munoz (2002, p. 35), “a Internet pode ser considerada como a máxima expressão da democracia [...] porque constitui uma comunidade livre, igualitária e fraternal”.

Por conta de uma profunda disseminação do uso de computadores e da internet, numa perspectiva de consumo acelerado e numa sensação de encurtamento de distâncias, a EaD passa a ocupar um lugar de destaque no mercado globalizado. Desta possibilidade de conectar os sujeitos para realizar uma ação educativa e, assim, ampliar os espaços de atuação de instituições educacionais em ambientes antes distantes, surge uma possibilidade quase incalculável de potencialização do uso destas ferramentas para a obtenção do lucro. Entretanto, Kenski (2007, p. 21) nos adverte que:

A evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de determinados equipamentos e produtos. Ela altera comportamentos. A ampliação e a banalização do uso de determinada tecnologia impõem-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo o grupo social. A descoberta da roda, por exemplo, transformou radicalmente as formas de deslocamento, redefiniu a produção, a comercialização e a estocagem de produtos e deu origem a inúmeras outras descobertas.

A tecnologia acaba assumindo um espaço considerável na educação. Quanto maior é a sua presença, menor será a necessidade do trabalho humano e sua crescente descaracterização do trabalho como processo, num sentido de subordinação desta atividade ao desejo do mercado, imposto pela invasão desta tecnologia. O professor se encontra numa nova lógica de

atuação no mercado. A imposição do uso da tecnologia se torna a ordem da vez. Quem consome está dentro, quem não consome, está fora.

Por este caminho a sociedade em rede deve ser repensada quanto às possibilidades de transformação não apenas do sujeito inserido neste mundo conectado, mas na realidade como um todo. Este panorama de consumo promove uma exclusão dos sujeitos, pois acentua as diferenças, principalmente quanto ao domínio da técnica. Na busca do alinhamento globalizante as diferenças locais e suas características tendem a se distanciar dos programas educacionais, o que, conseqüentemente, impacta na perspectiva de formação de professores.

O uso da EaD para a formação docente se apresenta como um caminho alinhado ao interesse do mercado porque salienta a possibilidade irrestrita de se levar formação para onde a educação presencial aparentemente não possui condições de atender à demanda apresentada. O ponto de análise não é contrapor a modalidade da educação presencial com a da educação a distância, e nem de especificar uma comparação de valor, mas de estabelecer uma análise do uso da EaD na formação docente em face aos interesses do mercado e de suas reais possibilidades transformadoras. O caminho desenvolvido nesta investigação sugere que a sociedade em rede pode se configurar como uma possibilidade real de transformação da realidade da formação docente neste cenário desigual. Porém, no percorrer deste caminho, é necessário que sejam debatidos outros pontos, que são discutidos a seguir.

Cibercultura e a formação de professores em EaD

No contexto brasileiro, com o conceito de Cibercultura de Pierre Levy (2007), encontramos um conjunto de possibilidades a serem exploradas na busca de uma sociedade em rede que permita a elevação do papel deste profissional. Segundo o autor, são apresentadas três constatações acerca da relação entre educação e cibercultura.

No primeiro momento é observada a velocidade do surgimento dos saberes, onde o autor defende que “Pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início de seu percurso profissional estarão obsoletas no fim de sua carreira” (LEVY, 2007, p. 157). Esta aceleração com que as informações são veiculadas na Cibercultura é fundamental para o entendimento do uso da tecnologia na formação de professores, tendo em vista que, da mesma maneira que a globalização impõe uma perspectiva de massificação, a compreensão sobre o efeito desta troca de informações, quando utilizada para uma superação deste cenário hegemônico e perverso, se torna um caminho necessário para a contextualização da formação do professor a distância.

Destarte, numa aproximação da realidade de formação de professores em EaD, a formação inicial não será mais suficiente para acompanhar a avalanche de desafios postos ao exercício da docência.

Propostas de formação continuada ou de formação para toda a vida imputam à EaD um protagonismo frente as outras modalidades. Não nos referimos a uma formação inicial adequada, mas de uma formação profissional do professor para toda a vida, seja formação inicial ou continuada. Esta perspectiva já se configura como um desafio aos sistemas educacionais, porém, com o advento da EaD, estamos diante de melhores condições de desenvolvimento desta formação. Por um lado, a globalização tende a conduzir um processo de padronização cultural. Por outro, pode contribuir com esta necessidade de formação permanente com vistas a um processo constante de adequação às inovações tecnológicas cada vez mais complexas da sociedade em rede, influenciadora da própria natureza do trabalho do professor.

Ainda segundo Levy (2007, p. 157), numa segunda observação sobre a natureza do trabalho, propõe que “Trabalhar quer dizer, cada vez mais, aprender, transmitir novos saberes e produzir conhecimentos”. Estas são tarefas intimamente ligadas ao trabalho docente e pela sua gênese são deveres do ofício de professor. Somada ao ritmo acelerado das informações, a formação docente requer como resultado o pensar permanente sobre o papel do professor em relação à sua realidade. Segundo Moran (2000, p. 87), “a busca da visão de totalidade no enfoque da aprendizagem e o desafio de superação da reprodução do conhecimento” nos leva a um educar para o uso democrático das tecnologias educacionais. Neste sentido, cabe conhecer para, a partir de sua atuação e de uma reflexão ampla, promover a transformação de sua prática como educador numa perspectiva de sociedade em rede.

Considerando a evolução do uso da ferramenta tecnologia para o exercício docente, Levy propõe ainda uma terceira reflexão que nos serve de parâmetro para analisar como potencializar a formação a distância, quando sugere que:

[...] o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (banco de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos). (LEVY, 2007, p. 157).

A análise do autor de como as **tecnologias intelectuais** são disponibilizadas pela internet assume que as mesmas “[...] podem ser compartilhadas entre numerosos indivíduos, e aumentam, portanto, o potencial de inteligência coletiva dos grupos humanos”. (LEVY, 2007,

p. 157). A ideia de inteligência coletiva pressupõe o fundamento da sociedade em rede. Sujeitos que compartilham visões antagônicas ou complementares colocando em choque diferentes pontos de vista num debate coletivo. Assim ocorre na convergência de ideias em localidades e situações diversas, constituindo-se na base da construção coletiva das experiências e das possibilidades de novos olhares sobre suas próprias condições. Estas possibilidades do uso da tecnologia numa sociedade em rede apresentam um campo profundamente fértil para a realização de uma formação, também em rede, que de fato valorize a experiência do sujeito ao conectá-lo a partir de sua escola, com o mundo.

Segundo esta linha de raciocínio, numa relação entre as abordagens de Levy (2007) e de Santos (2009), consideramos a relevância do uso da tecnologia para a difusão da informação compartilhada, bem como para a produção de conhecimento qualificado pelo potencial transformador de seu uso de forma crítica e contextualizada. Segundo as reflexões de Santos, ao apontar o lado perverso da globalização são apontadas também as brechas a serem preenchidas por meio do uso dessa mesma tecnologia para se incorporar as lutas populares na perspectiva de transformação de um mundo que se apresenta perverso para esta mesma população.

Neste contexto:

É nessas bases técnicas (incluindo aqui a tecnologia) que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa de que falamos [...]. Mas, essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas ao serviço de outros fundamentos sociais e políticos. (SANTOS, 2009, p. 20).

Assim sendo, é que a EaD parece ser uma possibilidade de ferramenta de transformação social. O seu uso, fundamentado em perspectivas sociais e políticas transformadoras, em contraponto aos apelos do mercado, tende a contribuir para uma educação que, de fato, encurte distâncias e promova uma formação docente alinhada às expectativas transformadoras da realidade. Se for utilizada com esse propósito estaremos diante de um instrumento capaz de ampliar as vozes dos sujeitos, de colocá-los em contato com pessoas que pensam os mesmos problemas ou que compartilham das mesmas dificuldades sociais, e dessa forma, contribuir para o processo de empoderamento desses sujeitos.

Vale salientar que o uso das técnicas ocorre também nos espaços considerados marginais. Assim, observa-se a “[...] emergência de uma cultura popular que se serve dos meios técnicos antes exclusivos (excluídos da) à cultura de massas, permitindo-lhe exercer sobre esta última uma verdadeira revanche ou vingança” (SANTOS, 2009, p. 21). Segundo o

autor, este momento de desenvolvimento tecnológico é único em que povos possuem a oportunidade presente de estarem em contato uns com os outros, trocando experiências e aplicações do conhecimento em suas realidades.

A diversidade cultural estabelecida pelo contato de sujeitos em rede permite uma nova forma de percepção sobre esta interação. Para Santos (2009, p. 21), estamos enxergando a existência de uma **sociodiversidade** “[...] historicamente muito mais significativa que a própria biodiversidade”. Este entendimento de sociodiversidade se aproxima do conceito de sociedade em rede de Castells (2009), na medida em que alimenta o discurso de possibilidade de transformação da realidade educacional a partir da rede, da conexão e da troca permanente de experiências entre realidades aparentemente distantes.

A construção do conhecimento toma uma nova forma nesta realidade, pois as estruturas de planejamento não se encontram tão rígidas. Em substituição aos padrões curriculares gerais, tradicionais e lineares nos deparamos com o surgimento de padrões cada vez mais singulares. São novos espaços de conhecimento que sugerem um novo estilo de Pedagogia. De acordo com Levy (2007, p. 158), tal espaço “[...] favorece ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva em rede”.

Logo, “[...] devemos preferir a imagem de espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxos, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva” (LEVY, 2007, p. 158). Neste sentido, experiência com os processos de ensino e de aprendizagem encontra na educação a distância um novo espaço de transformação, em que as tecnologias da informação e da comunicação na cibercultura definem uma nova forma de construção do papel do professor.

O professor nas TICs deve ser “[...] incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimentos” (LEVY, 2007, p. 158). Nesta perspectiva observamos que o papel do professor deve ser, gradativamente, ampliado num sentido de incentivador (mediador) da aprendizagem, distanciando-se da visão tradicionalista liberal que valoriza o professor como o detentor do saber acumulado.

O acesso à informação está ao alcance de uma tecla e por este motivo a aula tradicional tende a cair em desuso por não alimentar mais a sede de conhecimento do aluno conectado. Vale ressaltar que o papel do professor não é diminuído neste panorama, pois esta formação possui as condições de elevar não somente o acesso ao ensino superior, mas

também a de instrumentalizar o professor no acesso ao mundo conectado, permitindo a experiência de uma formação já pensada e desenvolvida na perspectiva da cibercultura.

Assim, estamos diante de um desafio, em que o caminho sugerido para a potencialização do papel do professor implica também a questão da escola. O papel transformador do uso da tecnologia na educação pressupõe pensar uma escola diferente, mesmo que estas transformações sejam passíveis de uma interpretação ligada ao interesse do mercado no consumo da tecnologia.

No nosso entendimento, o discurso de implementação de tecnologias na escola não pode ser por ele mesmo o único resultado esperado, constituindo-se, simplesmente, numa instrumentalização. No entanto, é preciso que a partir desta implementação a formação ocorra com o suporte tecnológico, mesmo que seja para propósitos emancipatórios. O real fator transformador do uso da tecnologia na educação é de se valer de um processo pensado neste contexto de consumo e a partir daí promover o que se espera de uma educação emancipadora capaz de transformar a realidade de professores, alunos e da escola como espaço de construção do saber.

Para Santos (2009), as artimanhas do capital podem ser superadas quando utilizamos as ferramentas em favor da libertação. O uso da tecnologia numa perspectiva de sociedade em rede é por si só uma realidade, quando viabiliza que sujeitos de culturas, antes distantes e díspares, estabeleçam trocas significativas de experiências. Dessa forma, tal prática possibilita a construção de conhecimentos em prol da liberdade e, por conseguinte, seja emancipadora.

Assim, distanciando-se do campo da abstração filosófica encontramos um novo contexto conectado e possível. Santos chama este conjunto de novas possibilidades de “universalidade empírica” (2009, p. 21), com condições reais de escrita de uma nova história. O entendimento deste processo dinâmico incide na compreensão do processo como um todo em que a investigação dialética da realidade parta de fenômenos gerais, amplos, pressupondo que o contexto da formação docente é tanto influenciado pelo universo onde se encontra como é fator constituinte da realidade.

Estamos habituados a ambientes educacionais ainda permeados de tradicionalismo e/ou de tecnicismo no ato de ensinar. O uso da tecnologia sugere uma relação de poder diferente entre os envolvidos no processo de ensino aprendizagem, onde, de um lado estão os que dominam o uso da técnica e, de outro, os que não a dominam. Esta relação de poder é a base do relacionamento aluno/professor no ensino mecânico com um verniz tecnológico. Nomeamos esta prática de tecnicismo, ou seja, o uso da técnica como ferramenta que reproduz uma concepção de educação. O processo de ensino aprendizagem se torna distante

da transformação da realidade por tentar conjugar propostas pedagógicas padronizadas, homogêneas.

Uma discussão importante na atualidade nos remete à reflexão sobre como a tecnologia tem chegado à sala de aula. Embora exista o discurso da inovação e da modernização, o uso da tecnologia de maneira instrumental tende a estabelecer a manutenção do tecnicismo pedagógico. Observando esta manutenção determinista do uso da tecnologia na educação, encontramos em Barreto (2010, p. 36) que o uso das TICs são a “[...] solução para todos os problemas, incluindo os que extrapolam os limites educacionais”. O distanciamento desta visão contribui para uma educação libertadora, capaz de fomentar bases pedagógicas mais adequadas à realidade brasileira, em oposição ao movimento de padronização percebido na globalização.

Consideramos que o uso da tecnologia em sala de aula deve ser um passo para a abertura de possibilidades. Certamente que a simples presença das TICs na escola não se constitui fundamental para melhorias qualitativas nos processos educacionais. Porém, “o divisor (brecha ou fratura) digital não se resume à presença/ausência de acesso [...], mas [...] à sua inscrição no cenário pedagógico” (BARRETO, 2010, p. 40).

Para Barreto, o uso da tecnologia como uma possibilidade pedagógica torna-se passível a diversas formas de entendimento e de instrumentalização no processo de ensino aprendizagem. Nesse sentido, defendemos uma formação de professores contextualizada com o uso social da tecnologia, de forma que os componentes tecnológicos sejam caminhos para uma descoberta. O ambiente educacional, principalmente por meio da EaD, é o espaço propício para esta descoberta por possuímos um cenário bastante fértil para elevarmos este debate:

O que propomos pensar é que o professor, mesmo que parta desse lugar comum e procure fazer na EaD a mesma “velha” educação de forma mais performática, com novos recursos, isto é, a educação transmissiva e centralizada com o uso da TIC, ele terá que se confrontar com situações inusitadas que provocarão, no mínimo, grande instabilidade. Essa instabilidade torna-se um momento potencial para a reflexão sobre a educação, com a possibilidade de uma resignificação do papel docente, propiciando a transformação. (LAPA; PRETTO, 2010, p. 82).

Estes mesmos autores discutem que uma problemática central entre a educação a distância, a formação de professores e a precarização do trabalho docente reside numa formação tecnológica ofertada a professores que possuem uma vasta experiência escolar reprodutivista, o que geraria uma distorção na evolução do uso da tecnologia em educação.

O tecnicismo pedagógico seria a reprodução da pedagogia liberal a qual valoriza a educação tecnológica e, portanto, instrumental, revestida do discurso de inovação. Mesmo que professores sejam instrumentalizados quanto ao uso da tecnologia, a formação inicial não seria suficientemente capaz de inseri-lo numa perspectiva de sociedade em rede a partir do contato com a técnica ou pela sua simples reprodução em sala de aula. Entretanto, não solucionaremos o problema do domínio da tecnologia da educação e da proposta de sociedade em rede apenas com o ensino superior. A EaD é percebida como uma possibilidade de mercado, e por este motivo, assistimos à larga difusão desta modalidade de ensino na oferta de cursos de formação de professores, sempre com o discurso de inclusão deste profissional no mundo digital.

Logo, preparar o professor para o exercício da docência, no mundo moderno, não significa apenas inseri-lo no contexto desta modernidade. A inserção é um passo do processo. A formação docente deve estabelecer conexões entre o uso da tecnologia, a informação, o saber teórico pedagógico e o conhecimento. Concordamos que a prática pedagógica formativa *online*:

[...] exige a superação de concepções de formação centradas no domínio de recursos e tecnologias ou na análise teórica sobre as tecnologias na sociedade e na educação e volta-se para a integração entre esses dois polos associados com a experiência em contexto *on-line* e com a reflexão sobre esta prática à luz de teorias que são articuladas com as experiências. (ALMEIDA, 2010, p. 72).

Esta formação está ligada à práxis, na conexão entre os saberes teóricos e o conhecimento desenvolvido no exercício profissional. Significa oportunizar ao professor uma prática reflexiva e contextualizada com a cibercultura. A formação para atuação em uma sociedade em rede deve superar a visão tecnicista da tecnologia, permitindo que o domínio das TICs estabeleça uma relação de transformação da concepção de mundo do professor.

O avanço da oferta de formação docente em EaD demonstra uma possibilidade de resignificação do papel do professor em contraponto e na perspectiva da superação de um modelo hegemônico imposto pelo mercado. Desta forma, partimos de uma proposta que visa identificar elementos emancipadores que contribuam para o exercício da docência de profissionais formados em cursos ofertados em EaD.

Nesse sentido, instrumentalizar o professor para o uso da tecnologia não deve ser o objetivo principal de um projeto de formação docente, mas proporcionar uma nova compreensão do uso da EaD para a profissão docente. Os caminhos para esta construção perpassam o entendimento do poder do uso da tecnologia no verdadeiro encurtamento de

distâncias, superando a visão de mercado, produzindo um aprofundamento do debate entre sujeitos que estão conectados e a partir deles promovem o uso da tecnologia na melhoria de suas vidas.

Estamos diante de um embate entre o uso técnico da EaD, em atendimento ao mercado, e o uso pedagógico, transformador, da técnica. O ajuste realizado nesta perspectiva deve favorecer seu uso pedagógico, colocando a tecnologia a serviço do fazer pedagógico transformador.

Neste sentido, o professor e sua prática docente são fundamentais para o desenvolvimento de uma educação libertadora, e sua formação, quando ofertada a distância, deve estar alinhada a esta perspectiva. Esta seria uma educação que pretende romper barreiras e vencer obstáculos de acesso. Um processo de transformação inclusive do próprio professor, na superação da lógica tecnicista do uso da tecnologia. Neste panorama de transformação, encontramos a seguinte reflexão:

[...] uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudança. (MÉSZÁROS, 2008, p. 25).

O fazer (competências) didático do professor costuma ser contextualizado com os diferentes saberes (DANTAS, 2017) desenvolvidos desde a formação inicial, em sala de aula, viabilizados pela tecnologia. Todavia, se esta prática docente se pautar no simples uso instrumental da tecnologia poderá incorrer no erro da manutenção do sistema, o enclausuramento e, portanto, a alienação da sociedade.

Para que ocorra a mudança, o quadro social deverá ser considerado e a prática docente constituir-se na materialização da mudança social. Para nós, esta abordagem deve considerar o professor como um profissional munido de saberes, competências e experiências que permitam o contato, o uso adequado da tecnologia e a aplicação em sua trajetória docente, promovendo a expansão do que adotamos aqui de sociedade em rede durante a práxis educativa. Não se concebe que docentes sejam reprodutores de modelos ajustados ao mercado, mas produtores de saberes, práticas e conhecimentos que contribuam para a transformação das localidades atendidas pela EaD.

Para que estes resultados aconteçam no âmbito dos sistemas educacionais o primeiro passo considerado seria a formação de professores. Se a tecnologia da educação pode servir aos interesses transformadores da realidade, formar professores nesta perspectiva significa formar sujeitos responsáveis pelo uso dela enquanto profissionais e responsáveis pelos

sistemas de ensino. Formar formadores e expandir esta formação contextualizada com a prática docente significa proporcionar uma atenção especial ao pedagógico, em detrimento do foco tecnicista.

Considerações finais

Neste artigo, nos propomos analisar a formação de professores em EaD pela ótica da Sociedade em Rede. Deste modo, apontamos algumas reflexões que delinearam esta síntese. Assim, considerando que:

- Enquanto iniciativas educacionais sistêmicas buscarem uma padronização de resultados, alinhadas às expectativas da globalização em detrimento de uma abertura às contradições e à diversidade, poderão retirar a autonomia do professor e descontextualizar o princípio emancipador da ação educativa. O resultado mais aproximado deste processo tende a ser a precarização da profissão docente.

- A relação do professor como sujeito da aprendizagem deve ocorrer de maneira dialética. Uma sociedade em rede deve fundamentar-se numa rede de conexões que permita ao sujeito a troca de informações e o seu próprio reconhecimento como membro da comunidade. Caso ocorra um distanciamento entre sujeitos, ocasionado pela padronização de resultados e comportamentos, tanto o processo social será desconstruído da coletividade e do social, como poderá causar sofrimento ao sujeito professor.

- Na perspectiva histórico dialética, o professor exerce uma atividade que permite o seu reconhecimento como sujeito social e promove uma prática da realidade transformadora, o escrever da história concreta. Quando o processo educacional se distancia da sociedade e do seu papel transformador ocorre um processo de alienação deste professor em relação ao seu trabalho.

- A formação do professor é entendida como um instrumento de transformação desta realidade. Mesmo o professor exercendo uma função que pressupõe um distanciamento desta alienação será na sua formação que os devidos cuidados quanto ao seu poder transformador deverão estar previstos.

- Para Levy (2007), sendo o conhecimento efêmero, pouco duradouro, devido ao avanço tecnológico, cabe a humanidade superar tais dificuldades e pensar do ponto de vista coletivo. Assim o conhecimento a aspirar será, mesmo que breve, coletivo, portanto, significativo.

- É pela educação que seremos capazes de romper com o panorama perverso da sociedade e por isso colocamos a formação docente na sociedade em rede num patamar de destaque entre as ações de superação desta lógica dominante. Tal afirmação pode parecer provocadora e utópica no sentido de que, de todo modo, pode levar a ressaltar o poder da elite que detém o capital cultural de modo a aprender individualmente, como nos faz lembrar Huxley (2014). Todavia, considerando a realidade social em que nos encontramos, quiçá seja estratégico pensar, produzir, conhecer e aprender coletivamente para sabermos desarmar as armadilhas que o mundo capitalista prepara para o proletariado.

- É preciso crer na utopia, a exemplo de Marcusci (2015), ao defender a utopia e a dialética da libertação, pois, uma vez unida, esta classe poderá se tornar poderosa e atingirá a emancipação. As tais das brechas que nos referimos são exatamente estas. Enquanto o sistema está pensando que educa em doses homeopáticas, nós, proletariado, aproveitamos estas brechas para arquitetarmos a transformação.

- Defendemos que uma educação a distância transformadora parta de experiências docentes coletivas, da prática social e da realização do trabalho docente contextualizado com as perspectivas sociais do local onde será realizado. Como a tecnologia pode ser compreendida como um instrumento estruturante de uma prática educacional, será preciso que o professor se apodere de suas características e esteja inserido numa ação formativa que permita uma experiência real de conectividade para que, a partir daí, seja capaz de refletir, profissionalmente, sobre o uso dela e suas consequências na prática docente. Esta relação entre o instrumento e os resultados sociais do seu uso se aproxima do empoderamento do sujeito no uso da tecnologia, quando sua relação supera a reprodução ou a mera instrumentalização.

Portanto, a formação docente, em uma sociedade em rede, é para nós entendida como possibilidade de transformação social a partir da formação produtora de saberes e conhecimentos no âmbito da cibercultura, evidenciando o laço existente entre cultura e educação. É, enfim, uma ação formativa que ultrapassa os limites do próprio campo educacional, fortalecendo culturas e valores em lugares nunca alcançados.

AGRADECIMENTOS: DPI/UnB, FAPDF, IFB.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. B. Transformações no trabalho e na formação docente na educação a distância on-line. *In*: SOMMER, L. H. (Org.). Educação a Distância e Formação de Professores: problemas, perspectivas e possibilidades. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 84, p. 67-77, nov. 2010.
- BARRETO, R. G. Configuração da política nacional de formação de professores a distância. *In*: SOMMER, L. H. (Org.). Educação a Distância e Formação de Professores: problemas, perspectivas e possibilidades. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 84, p. 33-45, nov. 2010.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- CASTRO, F. R.; FERNANDES, M. L. B. A Formação de Professores a Distância: Aproximações e caminhos para uma formação emancipadora. *In*: Simpósio Internacional de Educação a Distância. São Carlos, SP.: UFSCAR, v. 1, 2016.
- DANTAS, O. M. A. N. A. A tessitura da docência universitária. *In*: FARIAS, I. M. S. de; THERRIEN-NÓBREGA, S. M.; MORAES, L. C. S. de (Orgs.). **Formação e desenvolvimento profissional em educação**. São Luís: EDUFMA, 2017. p. 242-263.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 2002.
- HUXLEY, A. **Admirável mundo novo**. Trad. Vidal de Oliveira. 22. ed. São Paulo: Biblioteca azul, 2014.
- KENSKI, V. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2007.
- LAPA, A.; PRETTO, N. L. Educação a distância e precarização do trabalho docente. *In*: SOMMER, L. H. (Org.) Educação a Distância na formação de professores: problemas, perspectivas e possibilidades. **Em aberto**, Brasília, v. 23, n. 84, p. 79-97, nov. 2010.
- LEVY, P. **Cibercultura**. Trad: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2007.
- MARCUSE, H. **O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada**. São Paulo: EDIPRO, 2015.
- MÉSZÁROS, I. **A Educação Para Além do Capital**. Trad. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MORAN, J. M. **Mudanças na comunicação pessoal: gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.
- REIS, A. **Sociedade.com: como as tecnologias digitais afetam quem somos e como vivemos**. Porto Alegre: Arquipélago editorial, 2018.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

TURNER, D.; MUNÕZ, J. **Para os filhos dos filhos de nossos filhos**: uma visão da sociedade internet. São Paulo: Summus, 2002.

Como referenciar este artigo

DANTAS, Otília Maria A. N. A.; CASTRO, Fernando Rodrigues de. Formação de professores em educação a distância para a sociedade em rede. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 3, p. 1205-1220, jul./set. 2020. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v15i3.12977>

Submetido em: 30/09/2019

Revisões requeridas em: 18/10/2019

Aprovado em: 24/10/2019

Publicado em: 20/002/2020